



A QUESTÃO DO MAL EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS* – UM DIÁLOGO ENTRE TOMÁS DE AQUINO E O JAGUNÇO RIOBALDO

**Roberto Antônio Penedo
do Amaral***

* robertoamaral001@gmail.com
Doutor em Educação – Professor do Bacharelado em Humanidades
da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri -
UFVJM.

RESUMO: O artigo apresenta um diálogo entre as especulações mítico-religiosas de Riobaldo, o herói de *Grande Sertão: Veredas*, obra maior do escritor mineiro João Guimarães Rosa, e as considerações teológico-filosóficas de Tomás de Aquino acerca da questão do *mal*.

PALAVRAS-CHAVE: *Grande Sertão: Veredas*; Riobaldo; Tomás de Aquino; a questão do *mal*.

ABSTRACT: The article presents a dialogue between mythical-religious speculations of Riobaldo, the hero of *Grande Sertão: Veredas*, the greatest novel by the Brazilian writer João Guimarães Rosa, and theological-philosophical considerations of Thomas Aquinas on the issue of evil.

KEYWORDS: *Grande Sertão: Veredas*; Riobaldo; Thomas Aquinas; the issue of evil

Eh, o senhor já viu, por ver, a feiúra de ódio franzido, carantinho, nas faces de uma cobra cascavel? Observou o porco gordo, cada dia mais feliz bruto, capaz de, pudesse, roncar e engolir por sua suja comodidade o mundo todo? E gavião, corvo, alguns, as feições deles já representam a precisão de talhar para adiante, rasgar e estraçalhar a bico, parece uma quicé muito afiada por ruim desejo.

João Guimarães Rosa

Levando-se em conta a presença marcante da *metafísica* e da *religião* na narrativa de João Guimarães Rosa (1908-1967), circunscreveremos aqui um aspecto fundamental respeitante a essas duas temáticas, presentes e recorrentes em sua obra de maior vulto que é *Grande Sertão: Veredas*: a questão do *mal*.

Para tanto, elegemos a filosofia teológica de Tomás de Aquino (1225-1274) como crivo interpretativo, pelo fato de esse tema ser um mote fundamental em várias de suas obras e, também, em virtude de ele buscar aliar, em suas reflexões, a *religião* (a partir dos preceitos do catolicismo) e a *metafísica* (a partir de fundamentos aristotélicos).

A ideia aqui é estabelecer um diálogo entre as especulações mítico-religiosas de Riobaldo, herói da saga rosiana em questão, com as considerações teológico-filosóficas de Tomás de Aquino acerca desse tão decantado e, ao mesmo tempo, controverso assunto. Diríamos mesmo que quando as especulações sobre o que vem a ser o *mal* vêm à baila,

quase sempre resultam numa aporia, cujas partes que se dispõem a esse *agón* saem invariavelmente como entraram: irresolutas.

Nosso intento aqui é bem modesto, trata-se de, mediante breves reflexões tomistas sobre o *mal*, buscar esclarecer dúvidas, dilemas e angústias que Riobaldo enfrenta na busca por compreender o referido tema. Ao colocarmos, frente a frente, um simplório sertanejo diante de um *sumo doutor*, num encontro gnosiológico entre desiguais, nossa esperança é a de que, ao término do diálogo, ainda resista a máxima riobaldiana: “Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende.”¹

O tema do *mal* transversaliza toda a narrativa de *Grande Sertão: Veredas*. Desde o subtítulo da obra – “*O diabo na rua, no meio do redemoinho...*” – essa questão já está posta, se tomarmos, é óbvio, o *diabo*, como o arauto da maldade. Riobaldo vive, ao longo de sua travessia, à procura da confirmação da existência ou não desse ser metafísico, renomeado com vários outros epítetos, a saber, “O Arrenegado, o Cão, o Cramulhão, o Indivíduo, o Galhardo, o Pé-de-Pato, o Sujo, o Homem, o Tisnado, o Côxo, o Temba, o Azarape, o Coisa-Ruim, o Mafarro, o Pé-Preto, o Canho, o Duba-Dubá, o Rapaz, o Tristonho, o Não-sei-que-diga, O-que-nunca-se-ri, o Sem-Gracejos...”,² para evitar que, ao pronunciar o seu nome principal – *Diabo* – “[...] ele forme forma, com as

1. ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 326.

2. ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 55

3. ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 25.

presenças!”³. Mas, o temor maior de Riobaldo é saber se, uma vez existindo, é possível se estabelecer um pacto com o Cujo, compromisso esse que o protagonista de *Grande Sertão: Veredas* pensa ter feito, mas que quer crer que não o fez. Eis a trama fundamental da obra maior rosiana.

4. ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 25.

Ao mesmo tempo em que Riobaldo renega a existência do diabo, “Então? *Que-Diga?* Doideira. A fantasiação.”⁴, ele o elege como o criador e o executor do mal, “[...] o diabo regula seu estado preto, nas criaturas, nas mulheres, nos homens. Até: nas crianças – eu digo. Pois não é ditado: ‘menino – trem do diabo?’ e nos usos, nas plantas, nas águas, na terra, no vento... Estrumes... *O diabo na rua, no meio do redemunho...*”⁵ Essa contradição, além de ser o seu tormento maior, se transforma no próprio eixo especulativo e orientador de sua existência. Diríamos mesmo que muito mais que as contingências e as necessidades mundanas, Riobaldo é mobilizado por essa questão metafísica. É o seu *impulso finalístico*.

5. ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 26-27.

Tomás de Aquino afirma que “[...] todo agente opera visando a um fim”⁶. Chama ele de fim “[...] àquilo para o qual se dirige o impulso do agente.”⁷ Nesse sentido, Riobaldo sendo um agente, ou seja, um realizador ativo de suas ações, pois que impulsionado para um determinado fim, poderá chegar a alcançá-lo ou não. Mas tal dúvida não o faz capitular, já que o *impulso finalístico* que o mobiliza diz

6. AQUINO. *Suma contra os gentios*, 3, 2, 1.

7. AQUINO. *Suma contra os gentios*, 3, 2, 1.

respeito à sua própria constituição humana, ou seja, diz respeito à potencialidade que o ser humano tem em buscar atualizar-se sempre em novas e outras compreensões de si mesmo, dos outros e do mundo que o rodeia. Porém, pode acontecer que determinadas ações não conduzam ao fim destinado ou desejado para ou pelo agente, e isso pode se dar tanto com os *agentes naturais* (a natureza) como com os *agentes intelectuais* (os seres humanos), assim como prescreve a dogmática tomista:

Mas a ação, às vezes, termina em alguma coisa fora dela, como, por exemplo, a construção, na casa, a cura, na saúde. Outras vezes, porém, termina na própria coisa, por exemplo, o conhecimento intelectual e o sensitivo. Se, no entanto, a ação termina em uma realidade fora da ação, o impulso do agente tende, pela ação, para esta realidade. Se nela não termina, o impulso do agente tende para a própria ação. Logo, é necessário que todo agente, ao agir, intencione um fim, e este, às vezes, é a própria ação; às vezes, algo produzido pela ação.⁸

Apesar de ser um simplório sertanejo, Riobaldo é um homem demasiado especulativo. Isso lhe permite buscar, ainda que intuitivamente, sentido para a sua vida e para o universo em que vive. Por exemplo, ele se reconhece, primeiramente, como um homem de ação e só posteriormente como um homem da especulação:

8. AQUINO. *Suma contra os gentios*, 3, 2, 1.

De primeiro, eu fazia e mexia, e pensar não pensava. Não possuía os prazos. Vivi puxando difícil de difícil, peixe vivo no moquém: quem mói no asp'ro, não fantasêia. Mas agora, feita a folga que me vem, e sem pequenos desassossegos, estou de range rede. E me inventei neste gosto, de especular idéia.⁹

Dessa forma, podemos dizer que o *impulso finalístico* de Riobaldo mutou do conhecimento sensitivo para o conhecimento intelectual, em outras palavras, ele passou de uma condição de ser humano conduzido pelas ações alheias para uma condição de condutor de suas próprias ações. Segundo o *Aquinate*, “[...] o homem sente para imaginar, imagina para chegar ao conhecimento intelectual, e conhece intelectualmente para querer.”¹⁰ A compreensão de tal ação prática ter culminado numa ação especulativa fica bem enunciada por essa perplexidade de Riobaldo,

Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar por um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais baixo, bem diverso do que em primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso?¹¹

Ao buscar interpretar as suas ações e observações pretéritas, o protagonista de *Grande Sertão: Veredas* vai tomando consciência de que esse fenômeno também se dá com a natureza,

Melhor, se arrepare: pois, num chão, e com igual formato de ramos e folhas, não dá a mandioca mansa, que se come comum, e a mandioca brava, que mata? Agora, o senhor já viu minha estranhez? A mandioca doce pode de repente virar azangada – motivos não sei; às vezes se diz que é por replantada no terreno sempre, com mudas seguidas, de manaíbas – vai se amargando, de tanto em tanto, de si mesma toma peçonhas. E, ora veja: a outra, a mandioca-brava, também é que às vezes pode ficar mansa, a esmo, de se comer sem nenhum mal. E que isso é?¹²

Nas palavras de Tomás de Aquino, “[...] em todo agente para o fim, dizemos que é o fim último aquele além do qual o agente nada quer [...]”.¹³ No caso de Riobaldo, esse preceito se cumpriu, pois de jagunço, cujo ativismo não o permitia ir além de uma simplória condição, transformou-se em um fazendeiro “especulador de idéias” e atualizou-se em mestre de si mesmo.

Riobaldo atribui as características maléficas ou benéficas de sua antiga condição de jagunço e de seus companheiros de jagunçagem, a um certo determinismo estabelecido para si e para eles desde o nascimento e confirmado pela simples constatação manifestada por suas próprias aparências e modos de agir, embora, paradoxalmente, fala também de uma possibilidade restritíssima de opções e escolhas. Há, portanto, uma crença em Riobaldo de que um sujeito já vem concebido

9. ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 26.

10. AQUINO. *Suma contra os gentios*, 3, 2, 1.

11. ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 51.

12. ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 27.

13. AQUINO. *Suma contra os gentios*, 3, 2, 1.

para maldade ou para a bondade, e tem poucas, remotíssimas chances de ultrapassar esse fado após o seu aparecer no e para o mundo. Em relação a si mesmo, ele diz, “De sorte que carece de se escolher: ou a gente se tece de viver no safado comum, ou cuida só de religião só. Eu podia ser: padre sacerdote, se não chefe de jagunços; para outras coisas não fui parido.”¹⁴ e “E o ‘Urutú-Branco’? Ah, não me fale. Ah, esse... tristonho levado, que foi – que era um pobre menino do destino...”.¹⁵ Em relação aos seus ex-companheiros ele declara,

Esses homens! Todos puxavam o mundo para si, para o concertar concertado. Mas cada um só vê e entende as coisas dum seu modo. Montante, o mais supro, mais sério – foi Medeiro Vaz. Que um homem antigo... Seu Joãozinho Bem-Bem, o mais bravo de todos, ninguém nunca pôde decifrar como ele por dentro consistia. Joca Ramiro – grande homem príncipe! – era político. Zé-Bebelo quis ser político, mas teve e não teve sorte: raposa que demorou. Sô Candelário se endiabrou, por pensar que estava com doença má. Titão Passos era o pelo preço de amigos: só por via deles, de suas mesmas amizades, foi que tão alto se ajagunçou. Antônio Dó – severo bandido. Mas por metade; grande maior metade que seja. Andalécio, no fundo, um bom homem-de-bem, estouvado raivoso em sua toda justiça. Ricardão, mesmo, queria era ser rico em paz: para isso guerreava. Só o Hermógenes foi que nasceu formado tigre, e assassim.¹⁶

Esse mesmo determinismo que Riobaldo vê nos seres humanos, também vê como pertencente aos seres da natureza,

Eh, o senhor já viu, por ver, a feiúra de ódio franzido, carantonho, nas faces de uma cobra cascavel? Observou o porco gordo, cada dia mais feliz bruto, capaz de, pudesse, roncar e engulir por sua suja comodidade o mundo todo? E gavião, corvo, alguns, as feições deles já representam a precisão de talhar para adiante, rasgar e estraçalhar a bico, parece uma quicé muito afiada por ruim desejo.¹⁷

Mas, para Tomás de Aquino, todos os seres, *intelectuais* e *naturais*, agem na busca de alcançar um determinado fim, que se confirma ou não. Porém, todos são impelidos por seus respectivos *impulsos finalísticos*.

Quanto ao aspecto determinista dessa questão, há algumas aproximações entre Riobaldo e Tomás de Aquino, sobretudo quando se trata da existência de tal determinismo enquanto uma necessidade. No entanto, haverá divergência quanto ao desembocar desse condicionamento. Para Riobaldo, ele pode se estabelecer a partir de dois *télos*: ou do bem ou do mal. Já para o filósofo e teólogo medieval, necessariamente, “[...] todo agente opera em vista de um bem.”¹⁸ E por que, segundo Tomás de Aquino, o agente assim o faz?

14. ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 31.

15. ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 33.

16. ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 33.

17. ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 27.

18. AQUINO. *Suma contra os gentios*, 3, 3, 1.

Ora, aquilo para o qual o agente determinadamente tende lhe é conveniente, pois para tal não tenderia a não ser havendo alguma conveniência. E ainda, o que é conveniente a uma coisa, para ela é o bem. Logo, todo agente opera visando ao bem. Logo, toda ação e todo movimento visam ao bem.¹⁹

19. AQUINO. *Suma contra os gentios*, 3, 3, 1.

O que permite ao *Aquinate* concluir que, “Além disso, o fim é aquilo em que repousa o apetite do agente, ou movente, e do movido. Ora, é da essência do bem ser o termo do apetite, pois o *bem é aquilo que todos desejam* [...]”²⁰

20. AQUINO. *Suma contra os gentios*, 3, 3, 2, grifos do autor.

Nesse sentido, por mais que pareça estranho a Riobaldo, o fato de seus ex-companheiros de jagunçagem e de ele mesmo possuírem características individuais tão díspares, que os faziam realizar ações boas ou más, assim o faziam, sempre buscando o *seu* próprio bem, ou seja, tendiam para o que lhes era conveniente. Da mesma maneira, se eles tendiam sempre para o que lhes era conveniente, ou seja, para o seu bem, também desejavam com avidez em se afastar do mal que lhes poderia vir a abater. Portanto, fugiam do mal. Assim o diz Tomás de Aquino,

[...] a mesma razão explica a fuga do mal e o desejo do bem, como também a mesma razão explica ser movido para cima e ser movido para baixo. Ora, todas as coisas fogem do mal, pois os agentes pelo intelecto fogem de alguma coisa porque a apreendem como mal. E os agentes naturais resistem tanto quanto podem à corrupção, que é um mal para cada coisa.²¹

21. AQUINO. *Suma contra os gentios*, 3, 3, 7.

Tomás de Aquino cuida também de deslindar como se dá esse impulso finalístico em direção ao bem nos *agentes intelectuais* e nos *agentes naturais*. Os primeiros trazem consigo a possibilidade de determinar o que julga ser seu bem, e agem em direção a essa conquista, o que implica que esses seres podem possuir determinações necessárias, mas também possuem escolhas voluntárias. Nos outros, ainda que estejam impulsionados em direção ao bem, não podem escolher por onde seguir nem como agir, pois que, por não conhecerem o seu próprio fim, dependem de determinações alheias para o seu alcance. Nas palavras de Tomás de Aquino, “[...] o agente intelectual age para o fim, como que determinando o fim para si. Mas o agente natural, embora aja visando ao fim, [...] não determina o fim para si, porque não tem noção do fim, mas é movido para o fim pela determinação de outrem.”²² De forma intuitiva, a narrativa de Riobaldo aponta para essa mesma compreensão, embora ele desconfie que a destinação de todos os seres, ao contrário de Tomás de Aquino, não seja somente o bem, mas também o mal, como ele sugere ver presente desde as características físicas apresentadas por alguns animais, por exemplo, “a feiúra de ódio franzido, carantonho, nas faces de uma cobra cascavel”²³

22. AQUINO. *Suma contra os gentios*, 3, 3, 6.

Uma nova aproximação entre Riobaldo e Tomás de Aquino surge, quando se discute a possibilidade de no mal haver, desde sempre, uma intencionalidade do agente. Começamos com essa súbita certeza do personagem rosiano,

23. ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 27.

“Explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem – ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum. Nenhum! – é o que digo.”²⁴

Com que precisão metafórica Riobaldo alcança a profunda reflexão teológico-filosófica de Tomás de Aquino! Só podemos atribuir essas aproximações para o que há de metafísico em ambos. O *Aquinate* assevera, “[...] o mal está nas coisas sem estar na intenção do agente”.²⁵ A essa altura da discussão, já não é tão difícil compreender o pensamento de Tomás de Aquino. Dono de uma verve intelectual invejável e de uma lógica praticamente imbatível, ele já afirmou anteriormente que todo “agente opera em vista de um fim” e que este fim sempre é um bem. Concluímos disso que, se todo agente visa a um bem, o mal jamais poderá estar em sua intenção. No entanto, se o mal ainda existe e persiste, não será por causa da intenção do agente, mas pelo que nele falta. Vejamos como isso se dá, a partir da própria lavra do pensador medieval,

[...] o mal está nas coisas sem estar na intenção do agente. Com efeito, o que resulta de uma ação diferentemente do que for intencionado pelo agente é evidente que está fora de sua intenção. Ora, o mal é diferente do bem que é intencionado por todo agente. Logo, o mal acontece sem estar na sua intenção.²⁶

E apresenta a sua grande solução para o problema do “mal”,

[...] a falha no efeito e na ação resulta de um defeito nos princípios da ação, como, por exemplo, de uma corrupção no sêmem resulta o parto de um monstro e, de uma perna torta, o coxear. Ora, o agente opera segundo o que tem de potência ativa, não segundo o que a ela falta. Ademais, enquanto age, visa ao fim e intende o fim correspondente à potência. Por isso, o que resulta, correspondendo ao defeito da potência, está fora da intenção do agente, e isto é um mal. Logo, o mal acontece sem estar na intenção do agente.²⁷

Riobaldo utilizou os termos “os crespos do homem”, “o homem arruinado” e “o homem dos avessos” para dizer que o mal está no ser humano e que não existe o mal fora dele. E mais, que tal mal está no ser humano pelo que nele não vingou para que alcançasse a perfeição. Por exemplo, os “crespos” do homem é o que nele há de áspero, de agitado, de escabroso, de indecente, de indecoroso, o que o torna, portanto, ameaçador e, sobretudo, perigoso – “Viver é negócio muito perigoso...”²⁸ E o que é um homem arruinado? É um homem reduzido à sua própria queda, à sua miséria humana, enfim, um homem perdido. E um homem pelos avessos, então? É um homem constituído de uma humanidade ao contrário de si mesma; é um homem que culminou no reverso de um projeto humano; é um homem extraviado de suas potencialidades de “[...] homem humano”,²⁹ enfim, é um homem mal.

24. ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 26.

25. AQUINO. *Suma contra os gentios*, 3, 4, 1.

26. AQUINO. *Suma contra os gentios*, 3, 4, 1.

27. AQUINO. *Suma contra os gentios*, 3, 4, 2.

28. ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 26.

29. ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 624.

E neste ponto alto de nossa discussão, Riobaldo e Tomás de Aquino confluem como duas vertentes de rio que se encontram e correm juntas em direção ao mar, pois que, para ambos, a partir, é óbvio, de métodos ou travessias diferenciadas, se inclinam na negação de haver uma essencialidade no *mal*.

Para Tomás de Aquino, assentado na lógica aristotélica,

[...] nenhuma essência é em si mesmo má. Com efeito, o mal, como acima foi dito [...], nada mais é que a *privação daquilo que uma coisa está destinada a ter e que deve ter*, pois, assim, o nome *mal* é usado por todos. Ora, a privação não é essência alguma, mas, *uma negação da substância* [...]. Logo, o mal não é essência alguma nas coisas.³⁰

E para Riobaldo, amparado por suas labirínticas metáforas, diz, “O senhor vê: existe cachoeira; e pois? Mas cachoeira é barranco de chão, e água se caindo por ele, retombando; o senhor consome essa água, ou desfaz o barranco, sobra cachoeira alguma?”³¹ Em outras palavras, a constituição do mal, tanto para Tomás de Aquino quanto para Riobaldo, se dá pela privação do que em nós, *agentes intelectuais*, nos tornaria seres perfeitos. Tais privações implicariam na não atualização de determinadas potencialidades que interferem decisivamente em nossas escolhas voluntárias e que resultam em más ações. Como declara Tomás de Aquino, “[...] se o mal por si mesmo não é causa de coisa alguma, o é somente

por acidente.”³² e “[...] para haver vício moral, este deve ser voluntário e não necessário”.³³

Por último, e disso Riobaldo também já desconfiava: “Querer o bem com demais força, de incerto jeito, pode já estar sendo se querendo o mal, por principiar”.³⁴ Em outros termos, surpreendentemente o bem vem a ser a causa do mal, como afirma Tomás de Aquino, “[...] o mal não é causado senão pelo bem”, e esclarece, “[...] se o mal é causa de um mal, e como o mal não opera senão em virtude do bem, como foi provado [...], é necessário que o próprio bem seja a causa do mal”.³⁵

Uma bela ilustração dessa afirmação do *Aquinate*, em *Grande Sertão: Veredas*, se dá no momento em que Diadorim, companheiro fiel de Riobaldo nas aventuras e desventuras pela imensidão do sertão das Gerais, da Bahia e de Goiás, e por quem ele devotava um profundo e estranho amor – (após a morte de Diadorim, na batalha final do Paredão, Riobaldo vem a compreender o porquê desse amor inexplicável: descobre que “ele”, Diadorim, era uma mulher) – declara a Riobaldo que jamais viverá outra vida, enquanto não cumprir a vingança dos assassinos (Hermógenes e Ricardão) de seu pai (Joca Ramiro). Com o coração encharcado pelo fel do ódio, Diadorim não pode pensar em ser feliz. Riobaldo não tinha raiva dos inimigos de Diadorim, no entanto, seu profundo amor por ele, o fez também cultivar ódio a seus inimigos. Muito menos pelo ódio em si, mas porque quanto

30. AQUINO. *Suma contra os gentios*, 3, 7, 1.

31. ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 26.

32. AQUINO. *Suma contra os gentios*, 3, 10, 3.

33. AQUINO. *Suma contra os gentios*, 3, 10, 6.

34. ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 32.

35. AQUINO. *Suma contra os gentios*, 3, 10, 1.

mais rapidamente Riobaldo visse Diadorim livre desse fardo, as possibilidades de vê-lo feliz se consubstanciariam numa realidade plausível. Vejamos a cena:

“Tá que, mas eu quero que esse dia chegue!” – Diadorim dizia. – “Não posso ter alegria nenhuma, nem minha mera vida mesma, enquanto aqueles dois monstros não forem bem acabados...” E ele suspirava de ódio, como se fosse por amor; mas, no mais, não se alterava. De tão grande, o dele não podia mais ter aumento: parava sendo um ódio sossegado. Ódio com paciência; o senhor sabe?

E, aquilo forte que ele sentia, ia se pegando em mim – mas não como ódio, mais em mim virando tristeza. Enquanto os dois monstros vivessem, simples Diadorim tanto não vivia. Até que viesse a poder vingar o histórico de seu pai, ele tresvariava. Durante que estávamos assim fora de marcha em rota, tempo de descanso, em que eu mais amizade queria, Diadorim só falava nos extremos do assunto. Matar, matar, sangue manda sangue.³⁶

Para concluir, e, de certa maneira, contribuir para que as incertezas de Riobaldo acerca de ser ou não um pactário sejam superadas, e para e que ele consiga alcançar algum conforto em sua velhice tão carregada de angústias e perplexidades, como ele mesmo anseia, “Ah, a gente, na velhice, carece de ter sua aragem de descanso.”³⁷, oferecemos-lhe essas palavras de Tomás de Aquino, prenes daquela indissolúvel

verdade paulina que diz, “[...] a fé é a certeza das coisas que se esperam, e a prova das coisas que não se vêem.”³⁸

Com efeito, se nenhuma coisa tende para algo como para o seu fim senão enquanto este é bom, necessariamente o bem enquanto bem identifica-se com o fim. Por conseguinte, o que é o sumo bem será o fim supremo de todas as coisas. Ora, o sumo bem é um só, que é Deus [...]. Logo, todas as coisas se ordenam, como para o seu fim, para um só bem, que é Deus.³⁹

Conhecendo a irrequietude de Riobaldo e a sua capacidade de ouvir a fala alheia confiando-desconfiando – “A gente nunca deve de declarar que aceita inteiro o alheio – essa é a regra do rei!”⁴⁰ – talvez pudéssemos ensaiar a seguinte cena: Riobaldo apresentaria um semblante, ao mesmo tempo, resignado e triste, olharia para o horizonte longamente, colocaria a mão no queixo e replicaria o *Aquinate* com a seguinte frase reticenciada:

Em tanto, ponho primazia é na leitura proveitosa, vida de santo, virtudes e exemplos – missionário esperto emgabelando os índios, ou São Francisco de Assis, Santo Antônio, São Geraldo... Eu gosto muito de moral. Raciocinar, exortar os outros para o bom caminho. Aconselhar a justo. Minha mulher, que o senhor sabe, zela por mim: muito reza. Ela é uma abençoável. Compadre meu Quelemém sempre diz que eu posso

36. ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 45-46, 46.

37. ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 26.

38. BÍBLIA DE REFERÊNCIA THOMPSON. Hebreus, 11, 1.

39. AQUINO. *Suma contra os gentios*, 3, 17, 1.

40. ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 39.

aquietar meu temer de consciência, que sendo bem-assistido, terríveis bons-espíritos me protegem. Ipe! Com gosto... Como é de são efeito, ajudo com o meu querer acreditar. Mas nem sempre posso.⁴¹

41. ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 31.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Tomás de. **Suma contra os gentios**. v. 2. Trad. D. Odilão Moura, D. Ludgero Jaspers O. S. B., rev. Luis A. de Boni. Porto Alegre: EDIPUCRS, EST, 1996.

BÍBLIA DE REFERÊNCIA THOMPSON – com versículos em cadeia temática. Compilado e redigido por Frank Charles Thompson. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Vida, 12 reimpressão, 2000.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 19ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.